

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

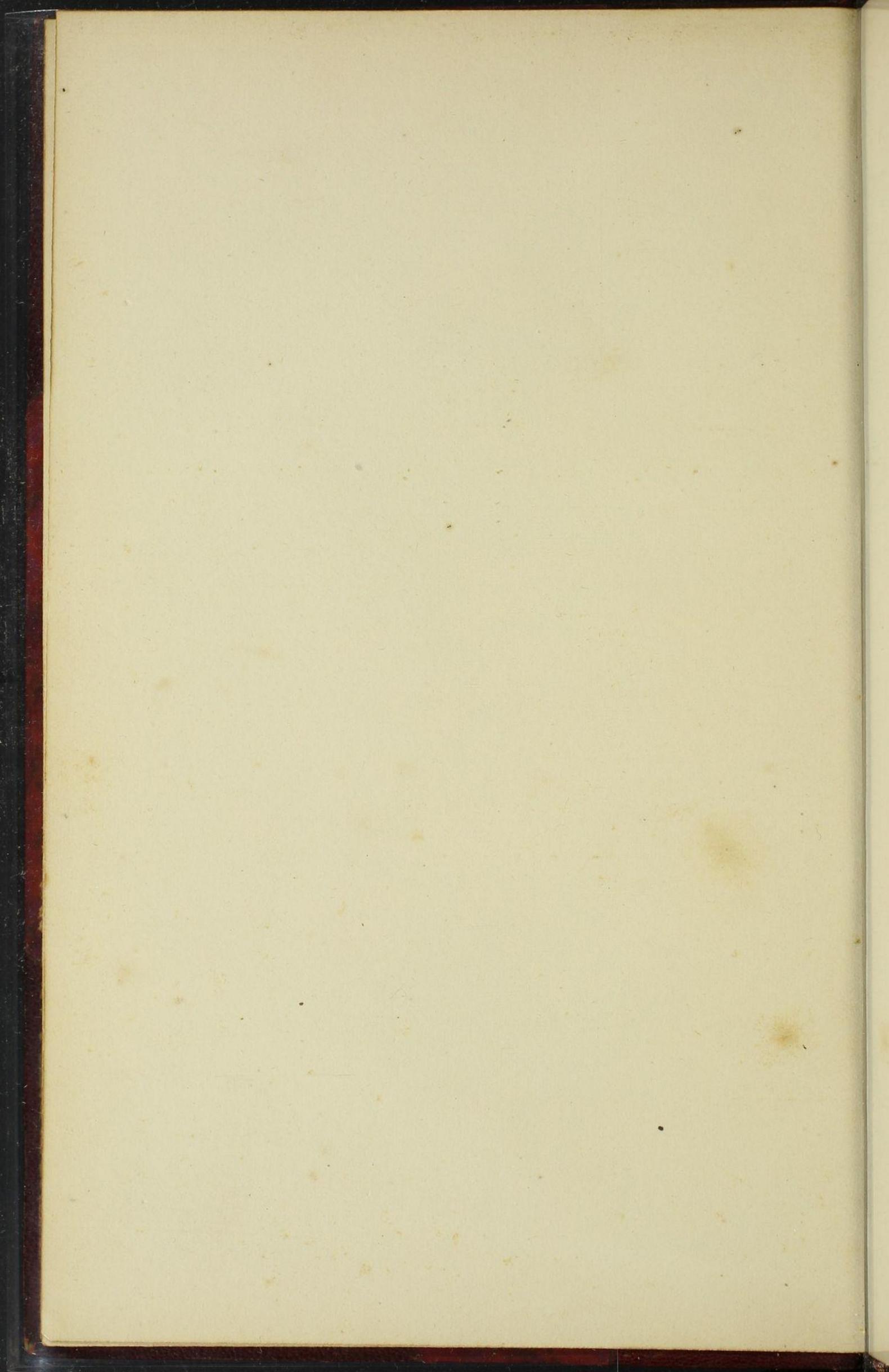
Ex Libris
José Mindlin

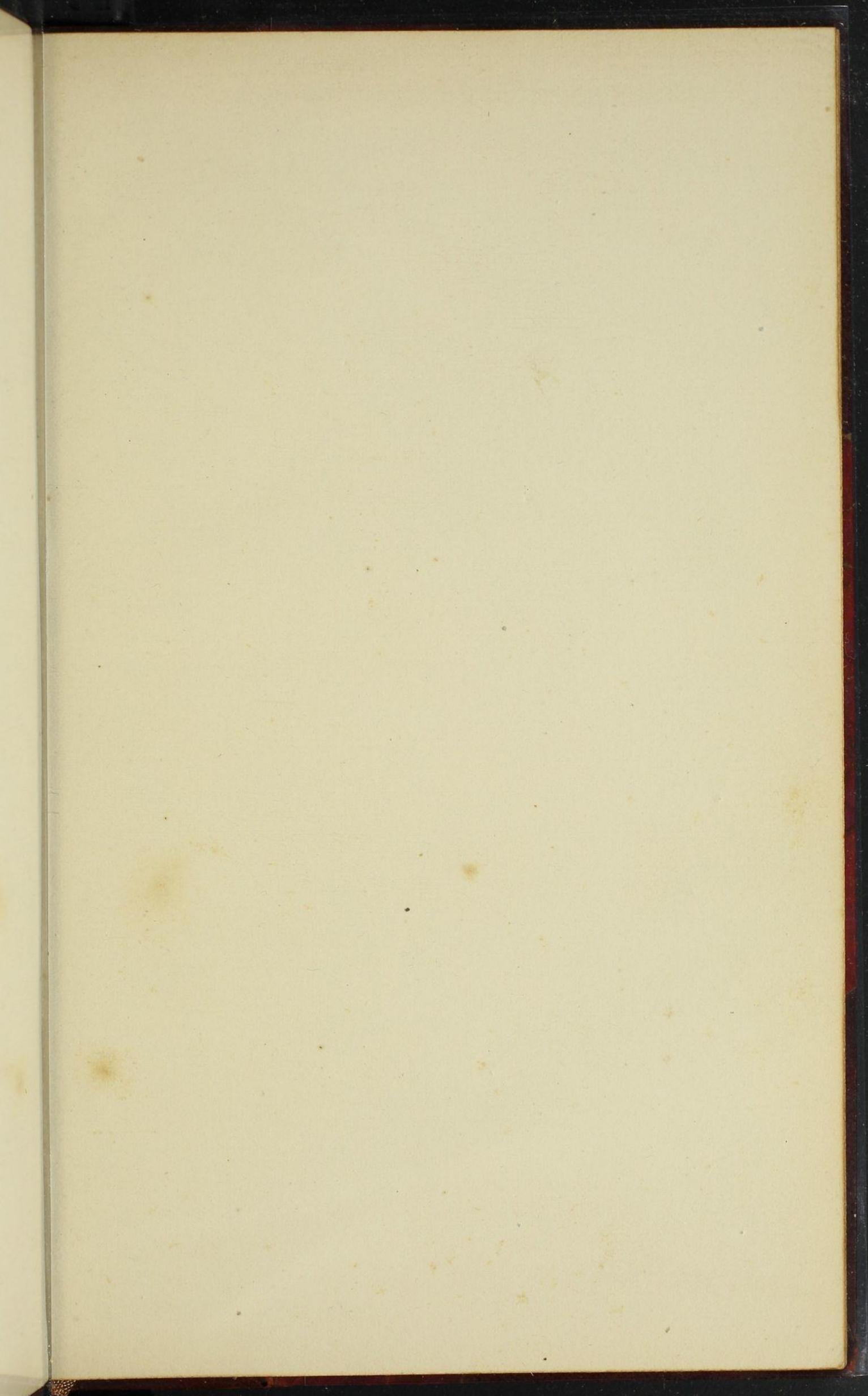
150
151

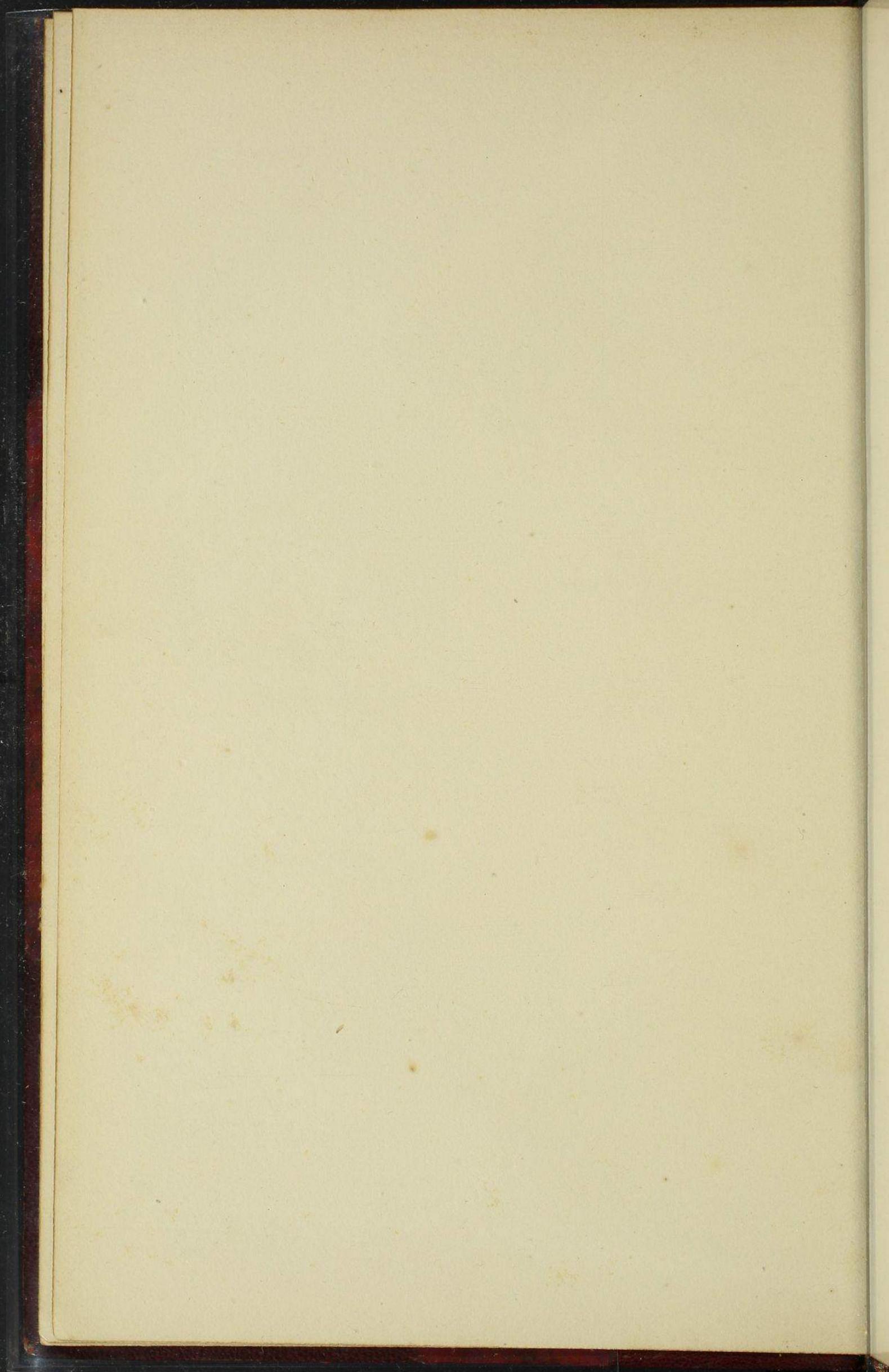
2507

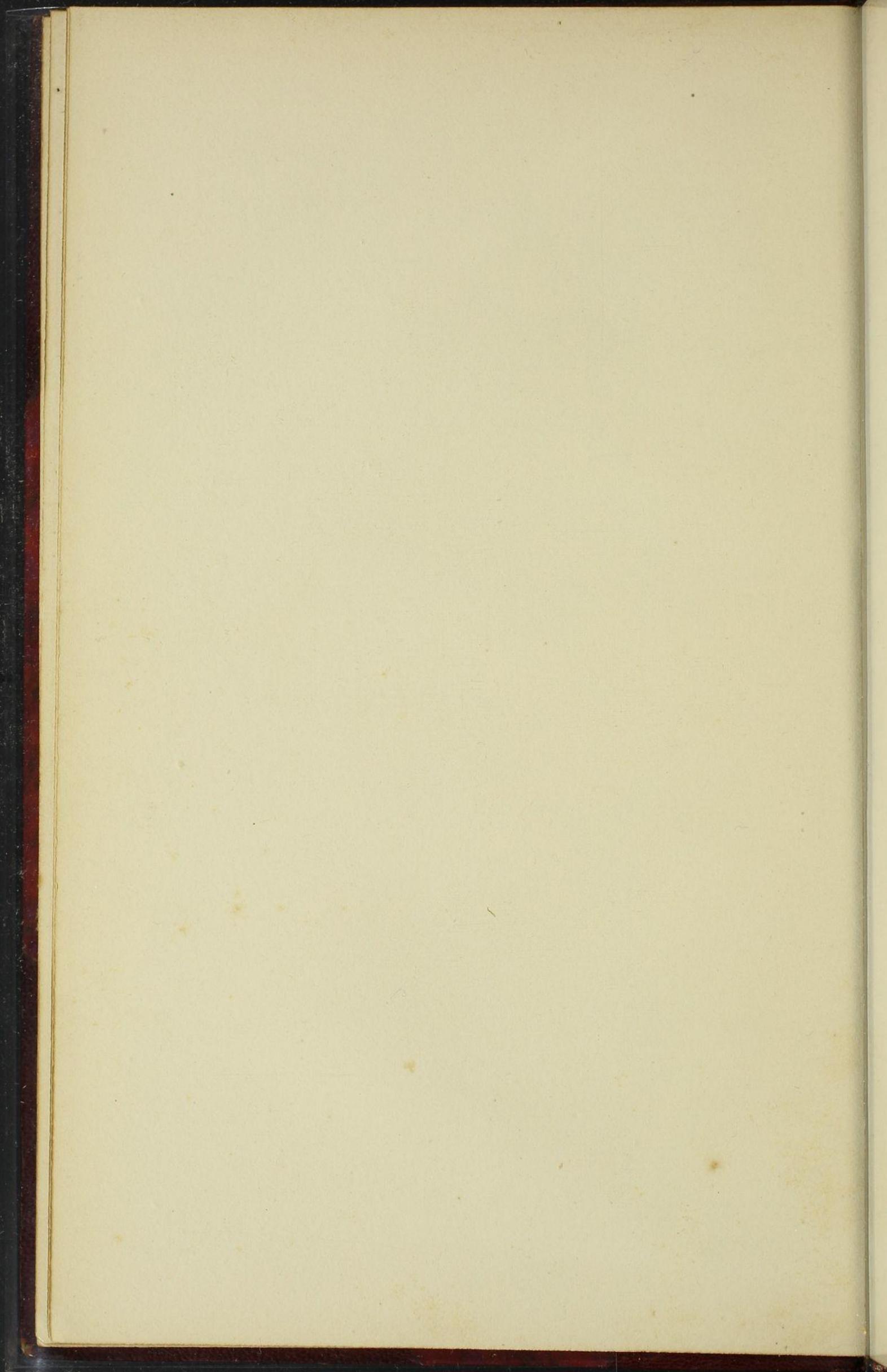
~~#320.~~

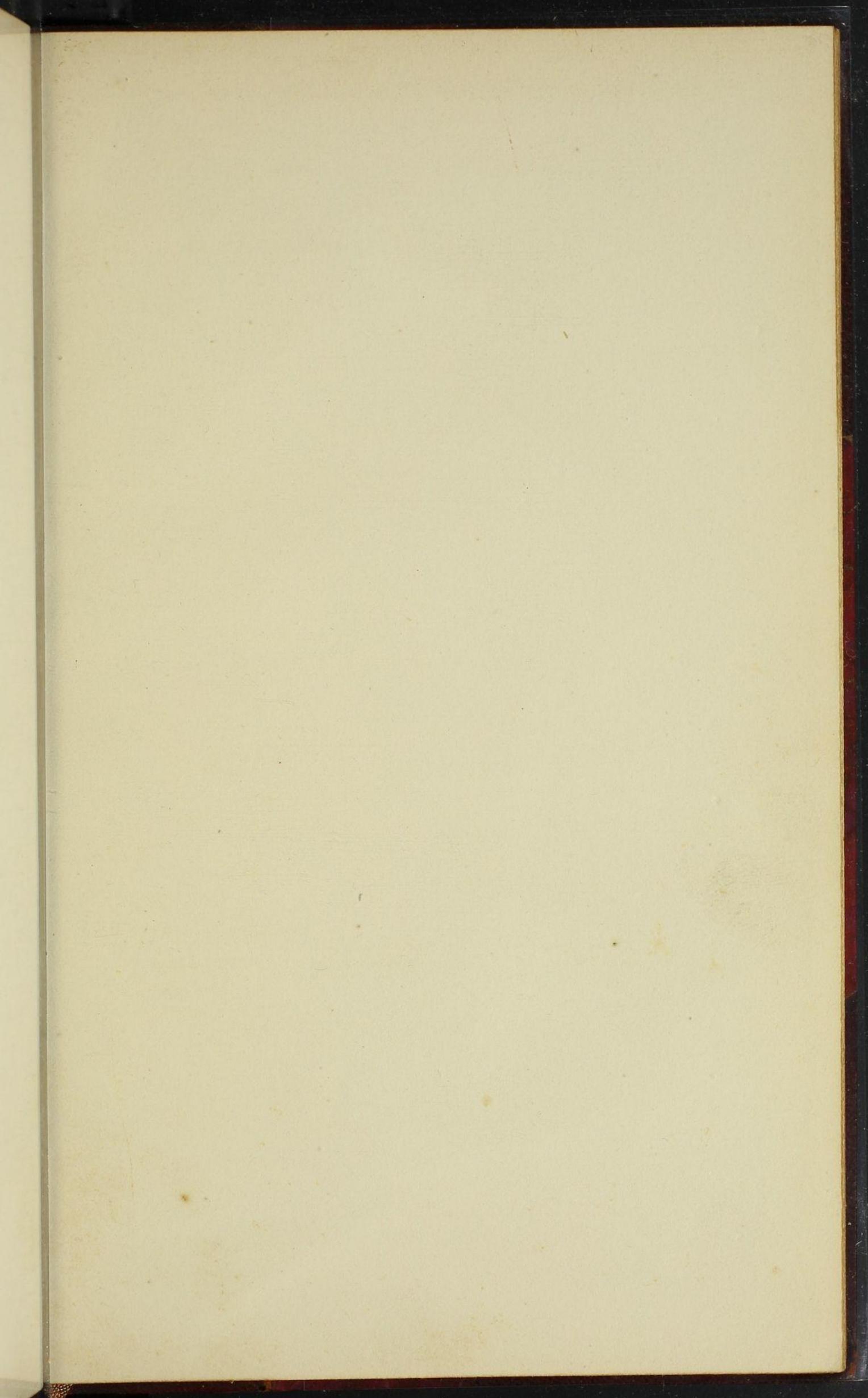
250.00

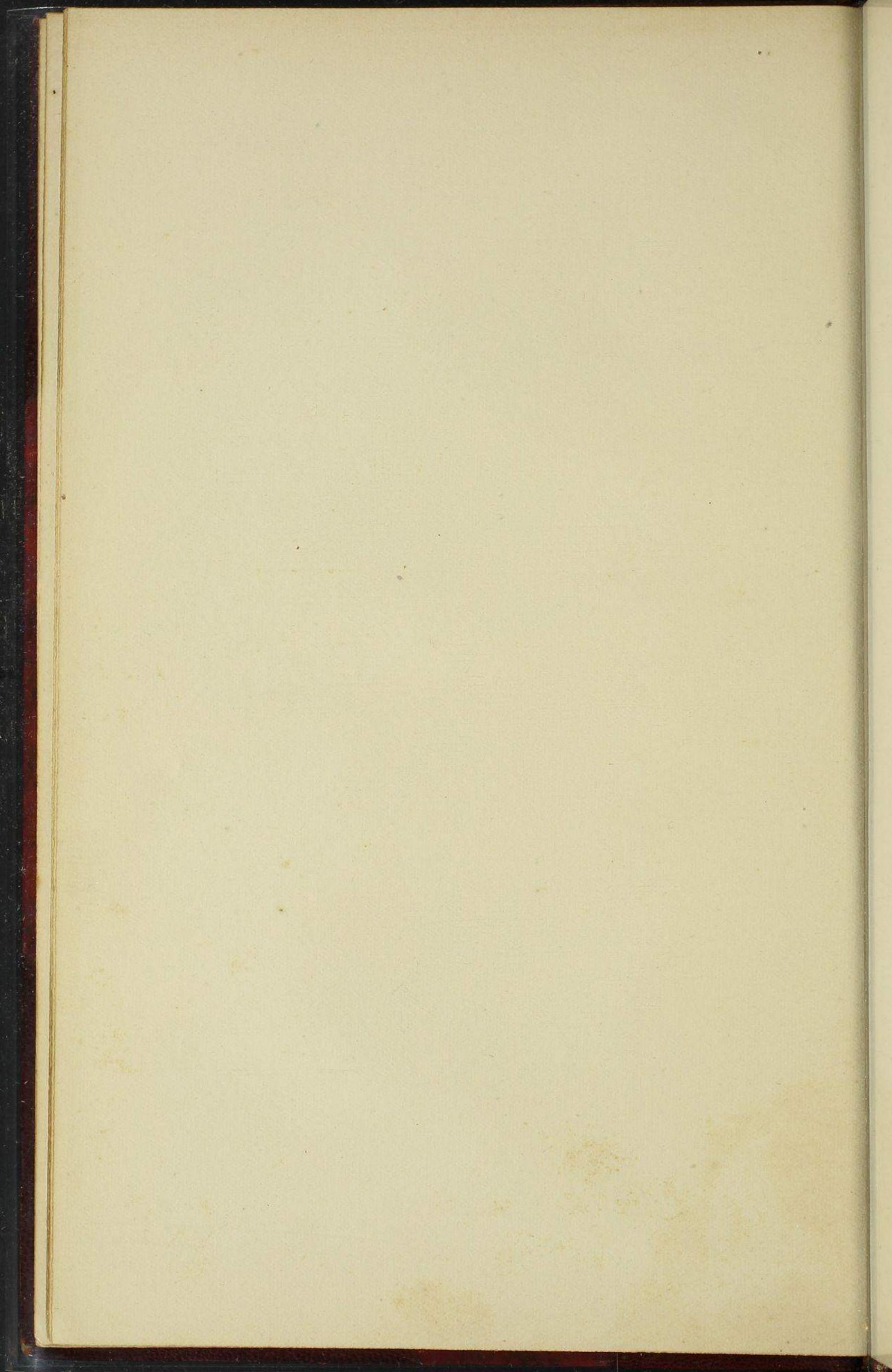


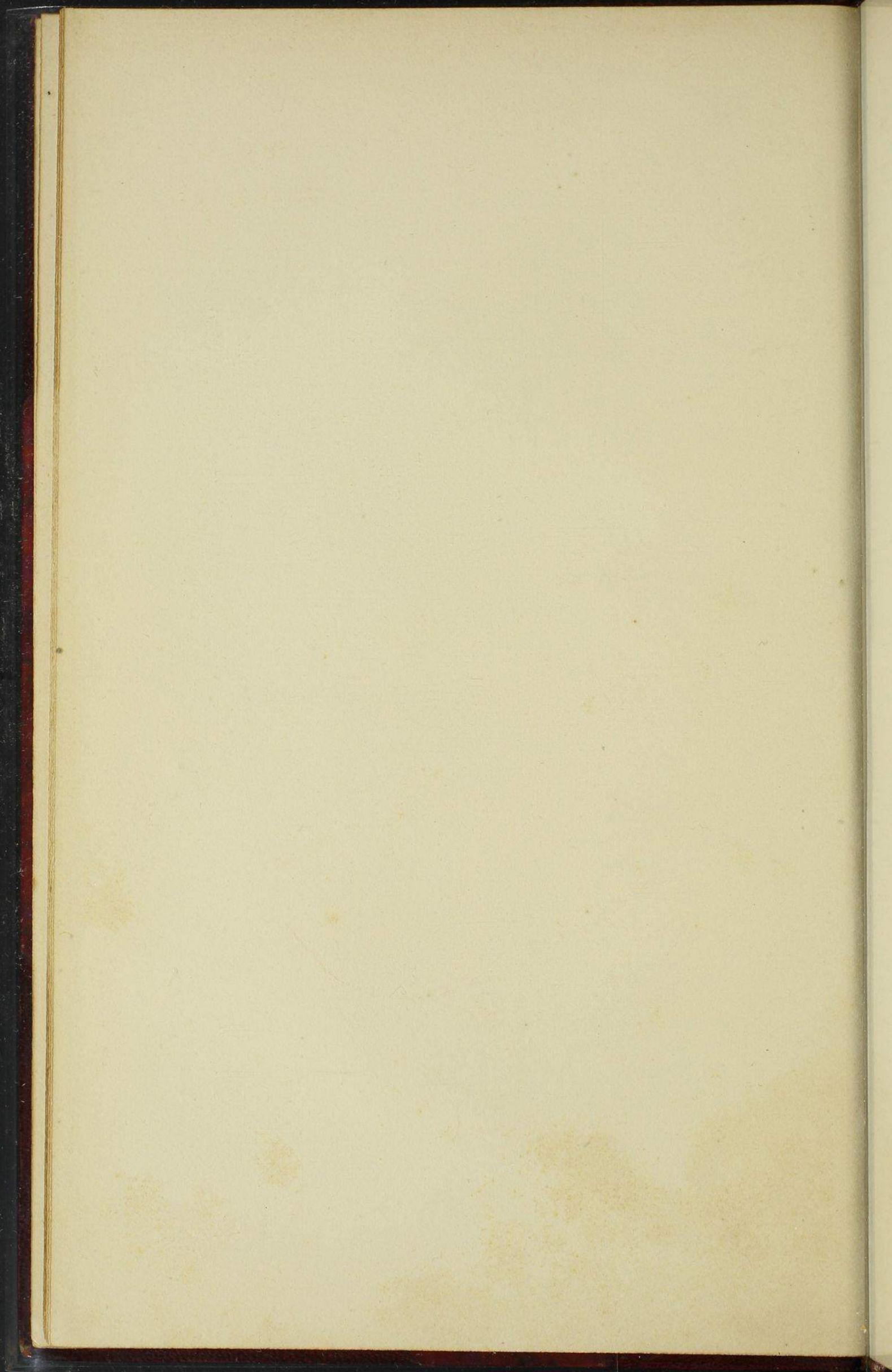


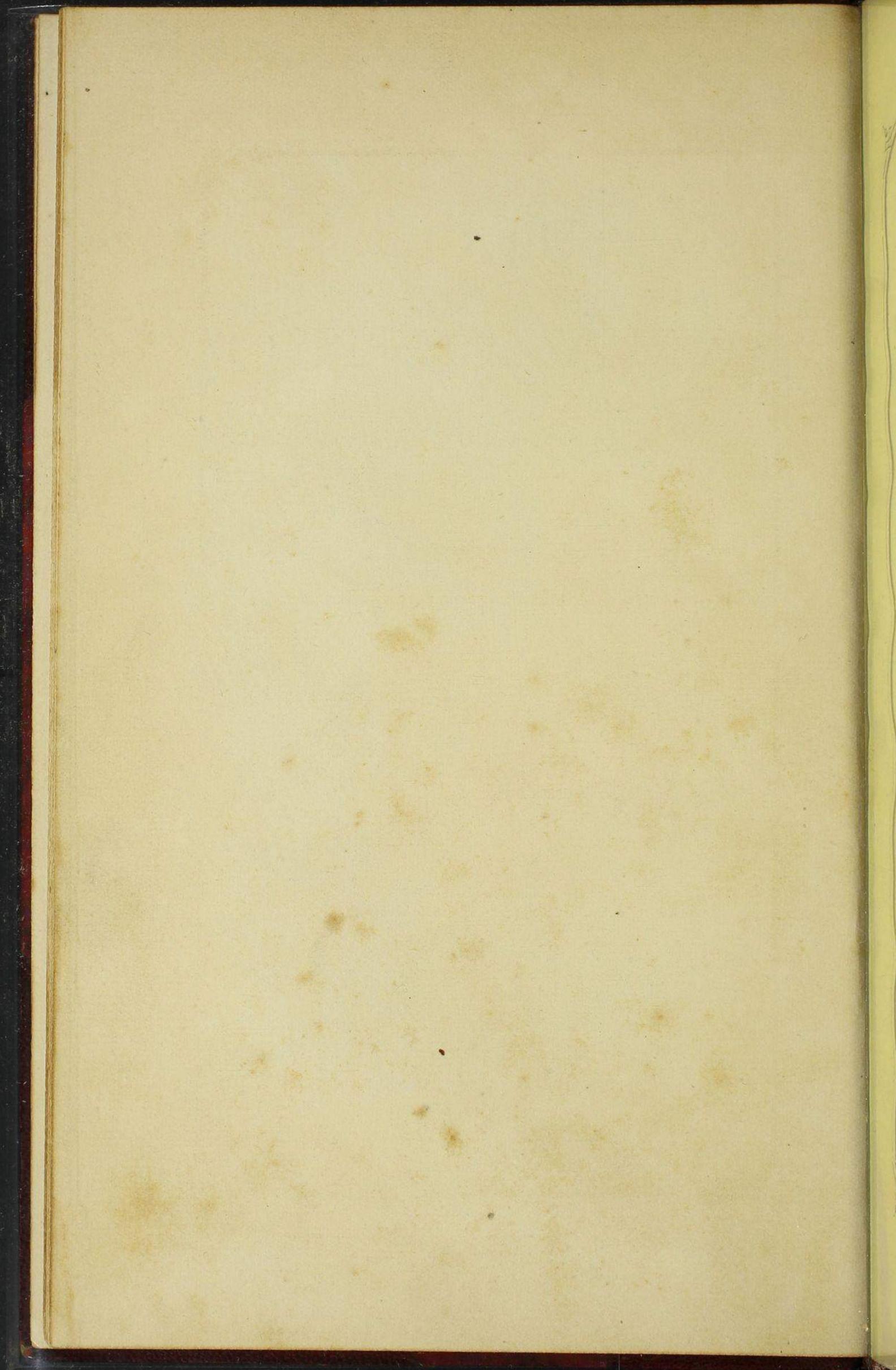












IDOLO
AMAZONICO

ACHADO NO RIO AMAZONAS

POR

J. Barboza Rodrigues

EM COMISSÃO SCIENTIFICA PELO GOVERNO IMPERIAL.

Foi publicada esta noticia sob a epigraphe « Archeologia » no JORNAL DO COMMERCIO
de 19 de Agosto de 1875.

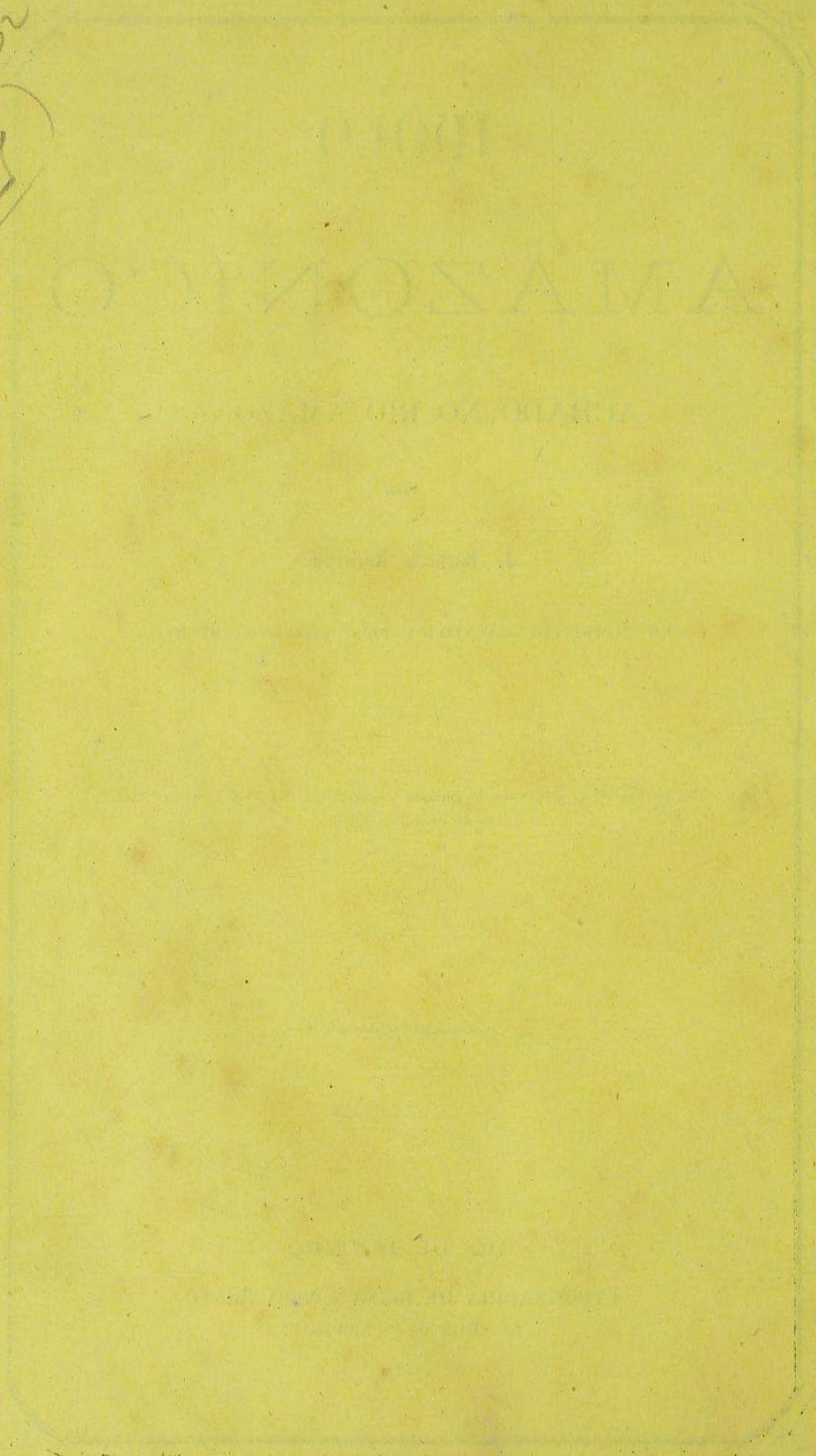
RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE BROWN & EVARISTO

12 Rua do Senado 12

1875

862/02
181





Lith. à Vapour de Angelo & Robin.

Bua da Assembleia. 44

IDOLO AMAZONICO

COP. DO NATURAL POR J. BARB. ROD.

IDOLO
AMAZONICO

ACHADO NO RIO AMAZONAS

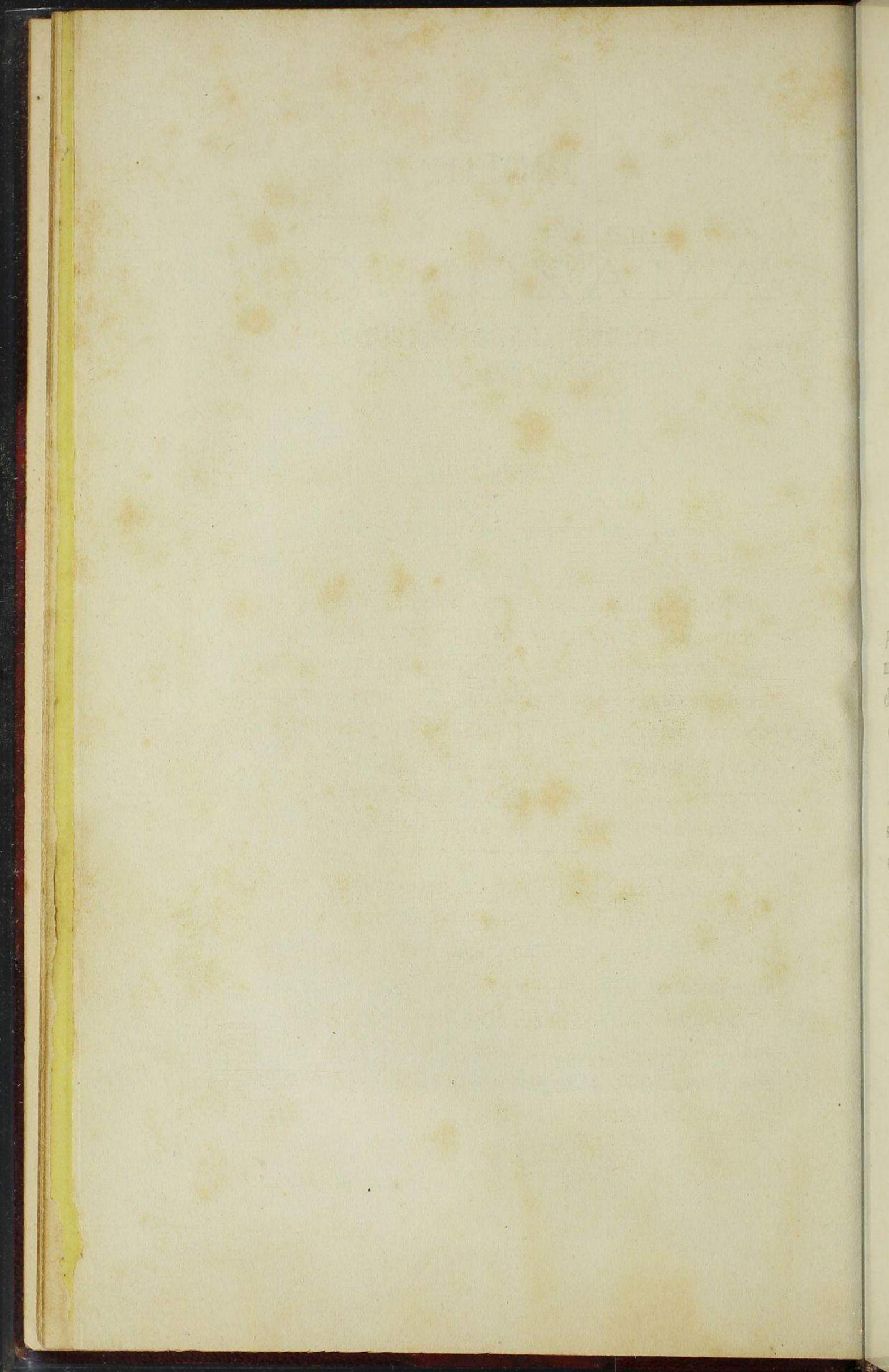
POR

J. Barboza Rodrigues

EM COMISSÃO SCIENTIFICA PELO GOVERNO IMPERIAL.

Foi publicada esta noticia sob a epigraphe «Archeologia» no JORNAL DO COMMERCIO
de 19 de Agosto de 1875.

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DE BROWN & EVARISTO
12 Rua do Senado 12
1875



IDOLO AMAZONICO



Nas minhas excursões pelo rio Amazonas, procurando sempre que os meus trabalhos botânicos davam-me tempo, fazer alguns estudos archeologicos, tive occasião de fazer uma aquisição importante para a archeologia brasileira; pelo que apresso-me no meu rude dizer, em annuncia-la, fazendo algumas considerações que resultam do estudo que fiz sobre esta peça artistica e monumental.

Todos os historiadores e naturalistas, desde a maior antiguidade, que têm escripto sobre o Brazil, são unanimes em dizer que os nossos indigenas não têm religião.

Pigafetta, companheiro de Magalhães, na sua *Viagem a roda do mundo*, diz que os indios do Brazil não têm nenhum culto; Lery affirma que os Tupinambás não tinham nenhuma religião,

e assim todos se exprimem, servindo-me da phrase de Simão de Vasconcellos:

« Os indios do Brazil, de tempos immemoriaes, a esta parte, não adoram expressamente Deus algum, nem têm templo, nem sacerdote, nem sacrificio, nem fé, nem lei alguma. » (*)

Entretanto outros, como o padre jesuita João Daniel, que missionou no Amazonas, por espaço de dezenove annos, diz no seu *Thesouro descoberto no maximo rio Amazonas* (**), escripto pelo anno de 1797, que « os indios tambem idolatravam em idolos, e que com muita difficuldade largavam os ritos e costumes de seus avoengos », entrando em provas, conclue que « deste facto se confirmou que o gentilismo da America era idolatra como o do mais mundo, e que só se differençava dos idolatras das outras partes em que os infieis das mais nações, por mais cultos e polidos, eram mais regulados e apurados no culto, adoração, templos e sacrificios aos seus falsos deuses; e que os Tapuyas, como mais selvagens e brutos, os adoravam e idolatravam nelles mais brutalmente, e com as poucas ou nenhuma cerimonia que permite a sua innata rusticidade e barbaridade. »

Admittem, tambem outros, que entre algumas tribus existe uma idéa de immortalidade d'alma

(*) *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brazil*, pelo padre Simão de Vasconcellos, da companhia de Jesus. Lisboa, 1668, pag. 291.

(**) *Revista do Instituto Historico*, tom. 2, n. 8, 1858, pag. 484.

e da existencia de espiritos protectores, que se tornam bons ou máos, o que é exacto. O uso do enterro dos mortos com as suas armas, as provisões de boca, etc., o provam.

Os escriptores que leram o *Diario* do padre Christovão de Acuña ou Cunha, baseado nelle asseveravam que entre algumas tribus antigas do Amazonas havia o uso de idolos, sem comtudo até o presente ter sido encontrado algum, por onde se pudesse conhecer a verdade dessas asserções, as fórmãs que tinham os mesmos e aquilatar o gráo de adiantamento em que estavam essas tribus então.

Tive a ventura de ser eu o primeiro a encontral-o, pelo que dei logo á S. Ex. oSr. Ministro da Agricultura uma tosca noticia.

A theogonia hoje, como então dos nossos indios, cifra-se em reconhecer um poder invisivel e creador do universo, mas ao qual não rendem nenhum culto, e na crença de espiritos que tomam fórmãs corporaes para praticar o bem ou o mal. O *curupira*, espirito das florestas; o *yurupary*, o espirito do mal; a *anhanga*, o espirito dos mortos, e da caça; o *maty-taperé*, espirito persiguidor o *yuru-tahy*, espirito da noite, a *oyoára*, nympha dos igarapés, a *boya açu*, a mãe d'agua, bicho do fundo (*), e tantos outros nos provam esta asserção com as suas innumeradas

(*) Vide o meu Relatorio sobre o *Rio Tapajós*.

lendas. Temidos por todos não recebem comtudo culto algum.

Esta crença estende-se mais longe, vai a crear por todo o ser, quer animal, quer vegetal um espirito que vulgarmente é chamado *Cy*, mãe. A esta criação algumas tribus, ainda hoje, não rendem culto, mas em certa época do anno o demonstram com festas acompanhadas de libações que fazem.

Em algumas tribus assisti a ellas. Entre os Mauhes ha a festa da *Vê-periá* ou da tocandyrá (*); os Pariquis tem o seu *Bodú*; os Mundurucus festejam a mãe dos animaes, etc., etc.

Esta crença, porém, não os leva a fazerem idolos, como outr'ora, que, havia uma especie de anthropolatria.

(*) *Tucan*, passaro do genero *ramphastus* e *gra* mel, isto é, a que fabrica o mel de tucano.

Cumpre-me aqui, tratando da tocandyrá, corrigir um erro que corre já impresso.

Dizem que os indios *Mauhés* usam para *prova de coragem e constancia do individuo que deseja casar-se, de duas bolsas que enchem de formigas venenosas, que servem de luvas ao pretendente, cujos braços meio abertos e envolvidos por ellas são incontinenti investidos.*

Que o coitado deve dançar e cantar assim durante um quarto de hora, na presença de sua querida, tirando depois o sogro a luva, declarando-o seu filho, etc.

Exporei o que ha de exacto nisto, descrevendo a largos traços o *Vê-periá* ou festa da tocandyrá.

Esta formiga é considerada como uma divindade, pelo que nenhum *Mauhé* é digno da tribu sem passar pelas provas da sua ferroadá, que é o que só legalisa a sua emancipação, provada pela bravura de supportar as dores que ellas produzem.

A tribu dos *Mauhés*, como a de todos os gentios e indios do Amazonas, está dividida em malocas, ou aldeas, distantes umas das outras, tendo entrada nellas só os homens casados ou os anciões. O *vê-periá* os reúne annualmente e nessa occasião é que se encontram os mancebos e as raparigas, pelo que nessa occasião effectuam-se diversas uniões, depois da dança. Dos doze para os treze annos começam a passar pelas provas e geralmente só depois da ultima

Baseados nesta crença, que por tradição chegou até hoje, os índios dos séculos XV e XVI, a exemplo, é fóra de duvida, de povos mais adiantados em civilisação, fabricavam de pedra idolos de que se serviam em certas occasiões. Como o dos antigos Egypcios, tinham elles não só fórmias humanas como a de certos animaes. Convém aqui transcrever a passagem do padre Cunha que vem no seu *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*, escripto em 1639 e publicado em Madrid em 1641.

« Adoram idolos, que fabrican con sus manos, attribuyendo a unos el poder sobre las aguas, y assi les ponen por divisa un pescado en la mano; a outros escogen por duenos de las sementeras; y a outros por valedores en sus batallas.

prova, é que celebram-se as uniões, porque então têm elles attingido 19 ou 20 annos.

Sete são as provas porque passam, tendo para esse fim tres luvas diferentes: a *sáry*, a *sáry-pym*, e a *yaperê-pê*.

Para as tres primeiras provas serve a *sáry*, que só cobre a mão; para as tres outras a *sáry-pym*, que envolve o braço e ante-braço, e para a ultima a *yaperê-pê*, que cobre o braço e a mão. A primeira é feita de um tecido de palha simples, ou coberto de pennas do peito do gavião real, rematadas por um pennacho de pennas da cauda da arara e gavião real, feito com mais ou menos ornato, segundo o capricho do artista; a segunda é um cylindro de um tecido de grêlos de tucumá-açú (*Astrocaryum princips*. Barb. Rod.), rematado por um feixe de fios de palha da mesma palmeira; e a terceira é um cylindro de tecido de uarumá, (*Marantha*) com uma extremidade fechada por um sacco de uma estopa vegetal.

Dentro das duas primeiras luvas mettem um segundo tecido de palha, onde prende pela união do abdomen ao thorax, as formigas, ficando pela parte interna o abdomen onde está o ferrão. As formigas, depois de presas em um canudo de taquaraçú, são mettidas n'uma vazilha d'agua, onde, quando semi-asphyxiadas são presas a luva. Quando têm de servir, expostas ao ar e defumadas com a fumaça do grande cigarro de tauary, despertam-se e tornam-se furiosas, vendo-se presas. Neste estado é que os índios introduzem a mão e dançam, sem dar mostras de soffrer, até que o tucháua ou alguma donzella do martyr se compadeça. Consiste a festa, na dança

« Dizen que estos Diozes baixaron del cielo, para acompanharlos, y hazer-les bien; no uzan de alguna cerimonia para adorarlos, mas antes los tienen olvidados en un rincon para hasta el tiempo que los han menester; y assi quando han de ir a la guerra, llevan en la proa de las canoas, el idolo en quien tienen puestas las esperanças de la victoria; y quando *salen a hazer sus pesquerias, echan mano de aquel aquen tienen entregado el dominio de las aguas*; pero ni en unos, ni en otros fian tanto, que no reconozcan puede aver otro mayor. »

Expressa-se assim o companheiro do capitão Pedro Teixeira, sem nenhum descrever, apezar de tel-os visto, como se deprehe de outros trechos do citado *Diario*. Depois da passagem da expedição de Pedro Teixeira, foi se perdendo este uso com o derramamento da luz do Evan-

dos martyres, um de cada vez, no centro da roda que formam os homens de pé e as mulheres sentadas. O *Cotecá* dá o signal da festa, assim como do final. Ao som delle o tucháua enfia a luva na mão ou no braço do paciente, e quando o mesmo tira ou alguma donzeila a tira o mesmo sôa, fazendo seguir a multidão para a porta de outra cabana. O *Cotecá* é um instrumento composto de uma vara de massaranduba, terminada n'um pennacho de pennas, onde enfiam uma castanha, que subindo ou descendo pela vara produz um som forte. E' nesta occasião que celebram as uniões, a donzella que tira a luva torna-se logo esposa, e a consummação immediata do matrimonio é o prompto remedio para as dôres do esposo. A multidão segue e o par feliz fica. Póde a donzella, em qualquer das sete provas, tirar a luva, porém, o que então se torna marido tem de completar as provas que lhe faltarem para a sua emancipação. Soffre as tres primeiras na mão, as outras tres no braço e a ultima, com as formigas então sem ter passado pela agua, na mão e braço. Esta dança é sempre acompanhada de libações de *cachiry*. Quando os mancebos não se animam a metter a mão na luva do martyrio, os anciões os incitam mettendo elles a mão. E' uma prova para emancipação e não para casamento.

O padre João Daniel, que foi missionario no rio Xingú, não conhecendo a tribu dos mauhês, fiado em informações, dá os usos e costumes destes indios aos da tribu Arapium, que já não existia selvagem no tempo em que escreveu o seu *Thesouro*. A origem de que a prova da tocandryra é *matrimonial*, nasceu talvez do seu escripto.

gelho, não só pelos jesuitas hespanhóes (1657), como pelos carmelitas portuguezes (1695), porque os missionarios queimavam e atiravam ao rio os idolos, que eram uns de madeira outros de pedra, como diz o mesmo padre João Daniel: «desejando afundar com ellas (pedras) por uma vez a sua cegueira e cega idolatria. »

Com effeito, de então para cá, nunca mais foi visto um só idolo, nem encontrado soterrado, o que prova que eram não só excessivamente então raros, como desapareceram destruidos pelos missionarios.

Existe, comtudo, no Musêo do Louvre, em Paris, em uma das salas do pavimento terreo com o n. 670 e a nota *Statue de Singe, hauteur 1 mètre 35 centimètres*, uma figura que o Conde Castelnau quando em 1846 passou por Manáos, encontrou servindo de poial á casa em que hoje é o palacio da presidencia, e tomando-a por um idolo levou-a comsigo. Paulo Marcoy, em sua *Viagem através as duas Americas*, tem-o tambem por idolo e diz que foi encontrado pelos carmelitas nas nascentes do rio Uaupés, e por elles transportado para a sua missão de Nossa Senhora de Caldas do Rio Negro. Extincta a missão ficou o idolo nella donde foi depois tirado por um collecter de drogas e levado para Manáos.

Tem as fórmãs de um homem-macaco, com as palpebras abertas, os braços cruzados sobre o peito, assentado e com o desenvolvimento do

symbolo que os sacerdotes egypcios passeiavam commemorando a mutilação feita por Typhon no deus Osiris, seu irmão. Esta figura não passa de uma curiosidade que fez por desenfado o pedreiro Antonio Jacintho de Almeida, encarregado da collocação dos marcos da commissão de limites de 1784, quando de volta do Japurá estacionou em Ega, hoje Teffé. Em 1794 Joaquim Anvers da Costa Côrte Real, o mesmo que em 1802 fundou o lugar depois Missão de Canumá, no rio do mesmo nome, levou-o para a antiga Barra, hoje Manáos, e collocou-o na porta da casa de sua irmã, n'uma rua hoje denominada Brazileira.

O tenente-coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena foi o primeiro que noticiou o engano de Castelnau (*) em um paragrapho de uma memoria dirigida ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, dando lugar a que o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, hoje Barão de Santo Angelo, escrevesse uma bem feita satyra, em fórma de comedia, que teve por titulo *Estatua Amazonica*. (**)

Depois deste achado, nen hum mais foi feito, segundo me consta.

(*) *Revista do Instituto Historico*, tom. 3, n. 9, pags. 96 e 97. Resposta ao Illm. e Exm. Sr. Herculano Ferreira Penna, sobre a communicacão mercantil entre a provincia do Pará e a de Goyaz.

(**) *Estatua Amazonica*, comedia archeologica, por M. A. Porto-Alegre, escripta em 1848 e publicadã em avulso pelo *Guana-bára* em 1851.

E' preciso não confundir-se os verdadeiros idolos com algumas figuras de barro cozido que se encontram, que não passam de ornamentos de igaçáuas ou brinquedos de crianças, como ainda hoje os indios fazem, passando para os que ignoram, por idolos.

Entre as tribus que o padre Cunha vio com idolos, devia figurar tambem a das Amazonas, se então existisse no mesmo lugar onde foi encontrada por F. Orellana, porque julgo que a essa tribu pertenceu o idolo de cujo assumpto se trata.

Antes de descrevêl-o darei as razões porque penso ser da tribu mal denominada das Amazonas, fazendo o seu historico. Como vê-se pelo meu Relatorio sobre o rio Yanundá, foi o *muirakitan* que levou-me a descobrir o lugar da séde das Amazonas; pois bem, o idolo de que vou tratar é contemporaneo d'elle, tem uma duração de mais de tres seculos.

Tendo chegado a meu conhecimento que ha mais de cincoenta annos, quando se cavou o solo no lugar acima, para se plantar o cacaoal que hoje existe, se tinham encontrado entre fragmentos de louça de barro, alguns *muirakitans* e figuras de pedras, envidei todos os meus esforços em vêr se encontrava alguma. Por felicidade soube na cidade de Obidos que o finado vigario o padre protonatario apostolico Antonio Sanches de Brito, teve uma figura que lhe servia de ornato de mesa, mas que desaparecêra.

Dirigi então minhas pesquisas para essa figura, e pude saber que existia enterrada no quintal da casa onde o mesmo vigario morou e o actual mora. Encarregado um famulo da casa de o procurar, trouxe-me a agradavel nova de que o encontrára, mas que não me trazia por temer cahir no desagrado do vigario. Encarregando então ao meu amigo o Dr. Casimiro Godinho Borges de Assis de o obter do mesmo vigario, este trouxe o precioso achado, que das mesas, passou para as mãos das crianças e destas para a terra. Era conhecido entre as crianças de então por *diabo*.

Qual não foi o meu contentamento reconhecendo nelle um idolo, e tendo depois informações da sua procedencia!

Procurando diversas pessoas contemporaneas do finado padre Sanches de Brito, todas affirmaram-me ser da costa do Parú, apenas uma me disse que pensava ter sido encontrada no lago Uaicurapá. Recorri á fonte mais pura: dirigi-me ao *Paraná-mery de cima*, á casa de uma irmã do referido vigario, que com o mesmo sempre morou e della e de um velho famulo soube ter sido encontrado na costa do Parú, por um individuo que o offerecêra ao vigario. Estava para mim feita a luz, faltava-me, porém, certificar-me se não seria um idolo peruano, para ahi trazido. Pelas razões que apresentarei depois de descrevê-lo, veremos que não tem por patria a dos Incas.

O conjuncto do idolo é uma allegoria, baseada em costume e animaes e na crença da *mãe* dos mesmos.

Compõe-se de duas figuras, um *carniceiro* procurando devorar um *chelonio*. Tem de altura 0,^m185, de largura 0,^m9 e de comprimento 0,^m15, comprehendidas ambas as figuras.

Assentada sobre uma tartaruga (*podocnemis*), uma onça (*felix*) com as garras das mãos segura um enfeite de fantasia, que suspenso pela lingua passa por cima da cabeça da tartaruga e pela parte posterior do pescoço, onde se encostam os dentes da maxilla inferior da onça.

A tartaruga, que pela fórma do casco se aproxima mais de um jaboty (*testuto*), tem um longo pescoço erguido perpendicularmente terminando em uma cabeça, que pelas fórmas e posição affasta-se inteiramente das de todos os *chelonios*. Procurando achar analogia entre esta e a de algum outro animal, não encontrei, o que faz-me crêr que a fantasia guiou a mão do artista, que na figura da onça não desprezou caracteres que a tornam bem conhecida. Tanto a fantasia guiou o artista que além do enfeite que menceionei, ainda ornou o pescoço da mesma tartaruga com uma coleira, enfeitada de uma grega. A fórma da cabeça é alongada, plana na parte inferior e semi-convexa na superior, afilando-se para o focinho.

Este tem latteralmente saliencias que in-

dicam beiços levantados pela pressão interna de dentes, e pela parte superior uma linha elevada, que passando pelo meio do maxillar superior vai terminar na altura do frontal, que fica encoberto pela lingua da onça. Os olhos affectam a fôrma de um semicirculo, com a parte convexa para cima. O pescoço e a cabeça do chelonio apresentam fôrmas angulosas, de que se resentem tambem os da onça. Tendo a cabeça a fôrma semiglobulosa dos carnicheiros do genero *felix*, tem comtudo as maxillas longas e tão abertas que entre ellas forma-se um angulo recto. Se affasta-se no comprimento a maxilla, a fôrma, porém, dos dentes caninos e mollaes caracterizam o carnicheiro.

Tão exacto foi o artista ahi que até deixou na maxilla superior o lugar vasio onde se implanta o canino inferior. Um descuido teve, comtudo, nos incisivos, marcando só quatro em vez de seis. A fôrma das narinas, a posição das orelhas, a collocação dos olhos e mesmo a fôrma do pescoço se approximam dos do terrivel habitante das selvas. A posição do corpo e das extremidade angulosamente trabalhadas aproxima-se da dos quadrumanos, tendo porém as mãos ás dos carnicheiros, com as suas cinco garras. O aspecto geral é o de uma onça, *yauarité* dos indigenas. A cauda, infelizmente partida, pela porção que existe, mostra ter sido levantada.

A pezar da incorrecção do desenho, e da

phantasia do artista, vê-se que era habil e observador da natureza. O costume que têm os carnicheiros do genero felix, de virem annualmente, no mez de Setembro, época em que estão ao cio, ás praias devorarem as tartarugas, levou o artista a escolhê-lo para o symbolo do deus de suas pescarias, procurando a *mãe* da onça, como mais poderosa, para subjugar a das tartarugas, que da pesca são as mais productivas, por lhes fornecer não só a carne, como os ovos, a gordura e o casco, que então até para ferramenta servia.

Que era um idolo das pescarias, não só denotam as fórmulas, como confirmam dous furos feitos na parte posterior obliquamente a sahir na inferior, para por elles passarem-se cordas afim de ser ligado á prôa da montaria, (canôa). Têm estes furos de diametro 0,015. O que admira é a perfeição que existe em todo o trabalho feito em um só pedaço de serpentina.

Este idolo, no seu genero o primeiro achado em plagas brazileiras, pelo seu estylo pareceu-me a principio poder ser peruano e transportado para o Amazonas, porém, o mesmo e a historia encarregaram-se de tirar-me esta presumpção.

Que não foi esculpido por aquella geração andina, que esculpio tantos outros encontrados na terra de Manco Capac, o costume que elle representa o prova. Aquelles que esculpiram os idolos que se tem encontrado no Perú, não po-

diam fazer este; porque na *montãna* não se encontrando as *charapas* (*) nem as *charapillas* (**) não podiam saber que as onças devoram as tartarugas.

No Perú só se encontram estes chelonios nos rios que cortam os departamentos do Amazonas e de Loreto, que são o Maranhão, o Huallaga, o Ucayaly e o Javary. A historia, pelo padre Cunha, ainda nos certifica, porque foi só depois de passar estas regiões, que elle vio povos com idolos para péscia, caça e guerra, o que não estranharia se já conhecesse este uso.

Comparando e estudando o que ha escripto sobre idolos do Perú, nada encontrei que com o de que trato se aproxime. Castelnau nas suas *Antiquidades do Perú* nada apresenta que se lhe assemelhe. E' tão antigo que nem Alexandre Rodrigues Ferreira, que explorou o Amazonas em 1787, dá noticia destes idolos.

Representa, pois, o idolo de que trato e que a figura melhor dá a idéa, um idolo daquelles vistos pelo padre Cunha, e que preso á prôa das canôas protegia a pesca e nos mostra o gráo de adiantamento em que estavam os indios então na arte de esculpir, que hoje decahio. A comparação deste idolo com os muirakitans, ainda mais me certificou ser elle contemporaneo das mulhe-

(*) *Yurará*, (*Podocnemis expansa*) do Amazonas, tartaruga.

(**) *Tracayá* (*Emis tracajá*).

res guerreiras, porque o estylo é o mesmo, assim como o desenho. (*)

Comparando a grega ornamental do enfeite, que passa sobre a cabeça da tartaruga, com as da louça de barro que encontrei soterrada, encontrei uma igual, como se póde vêr na estampa que acompanha o meu relatorio e que tem o n. 20.

A decadencia da arte entre os naturaes do Amazonas foi grande, mas ainda a crença nos animaes e plantas protectoras não se extinguiu. Ainda ha quem leve algum pé de *tayá*, (**) na prôa de sua montaria, para ser feliz a pesca, como vi.

Este achado importante para a historia e para a archeologia, vem nos mostrar que muito ainda o genio trabalhador do brasileiro philospho tem de fazer para illustrar a patria querida.

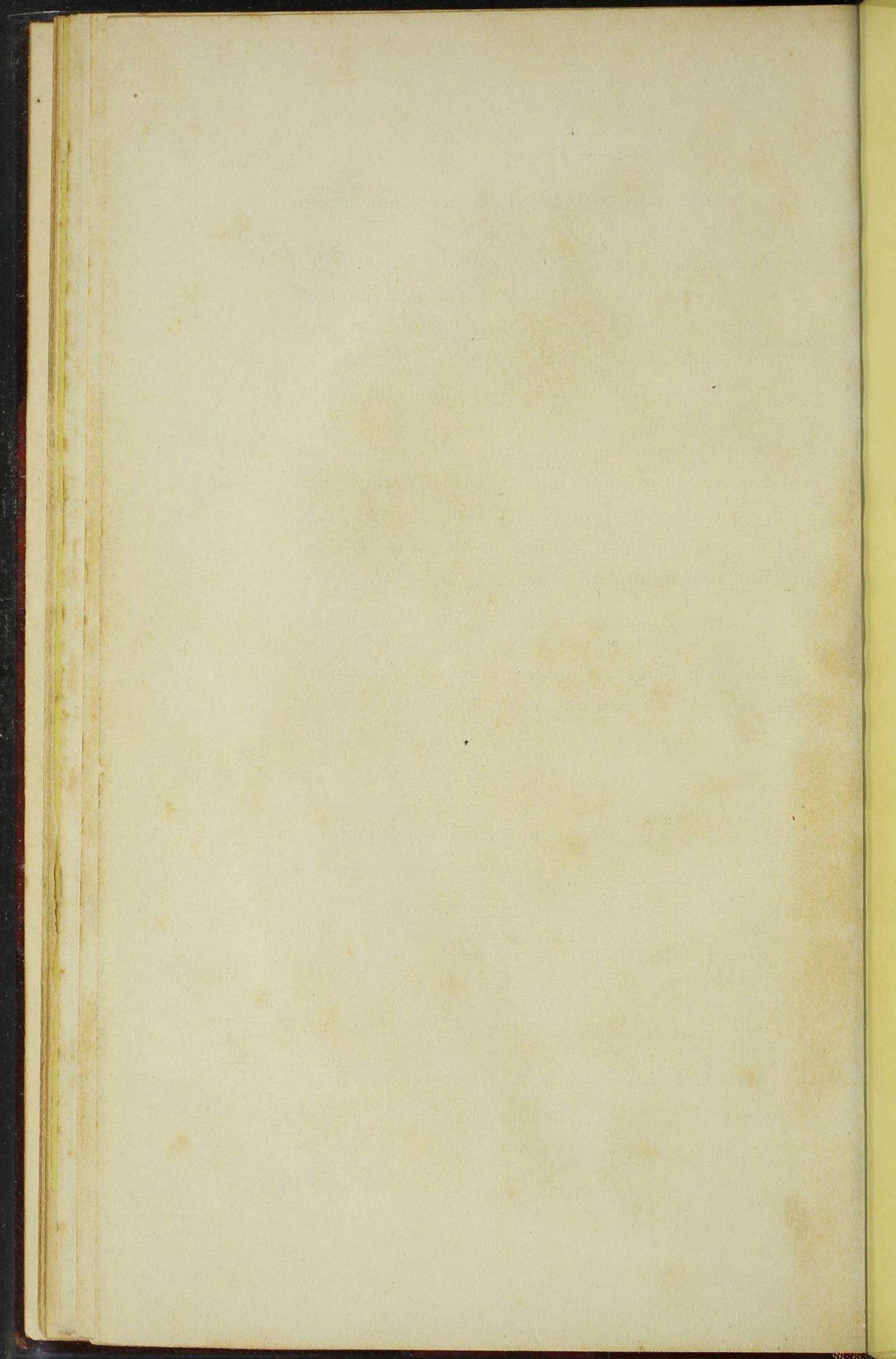
J. BARBOZA RODRIGUES,

em Commissão scientifica.

Rio, 16 de Agosto de 1875.

(*) Vide o meu *Relatorio do rio Jamundá*, que já foi publicado em inglez.

(**) Planta da familia das *Aroideas* do gen. *Calladium*.



~~824~~

2259

ORRARD TO AUSTON

OBRAS DO AUTOR

ENUMERATIO PALMARUM NOVARUM.

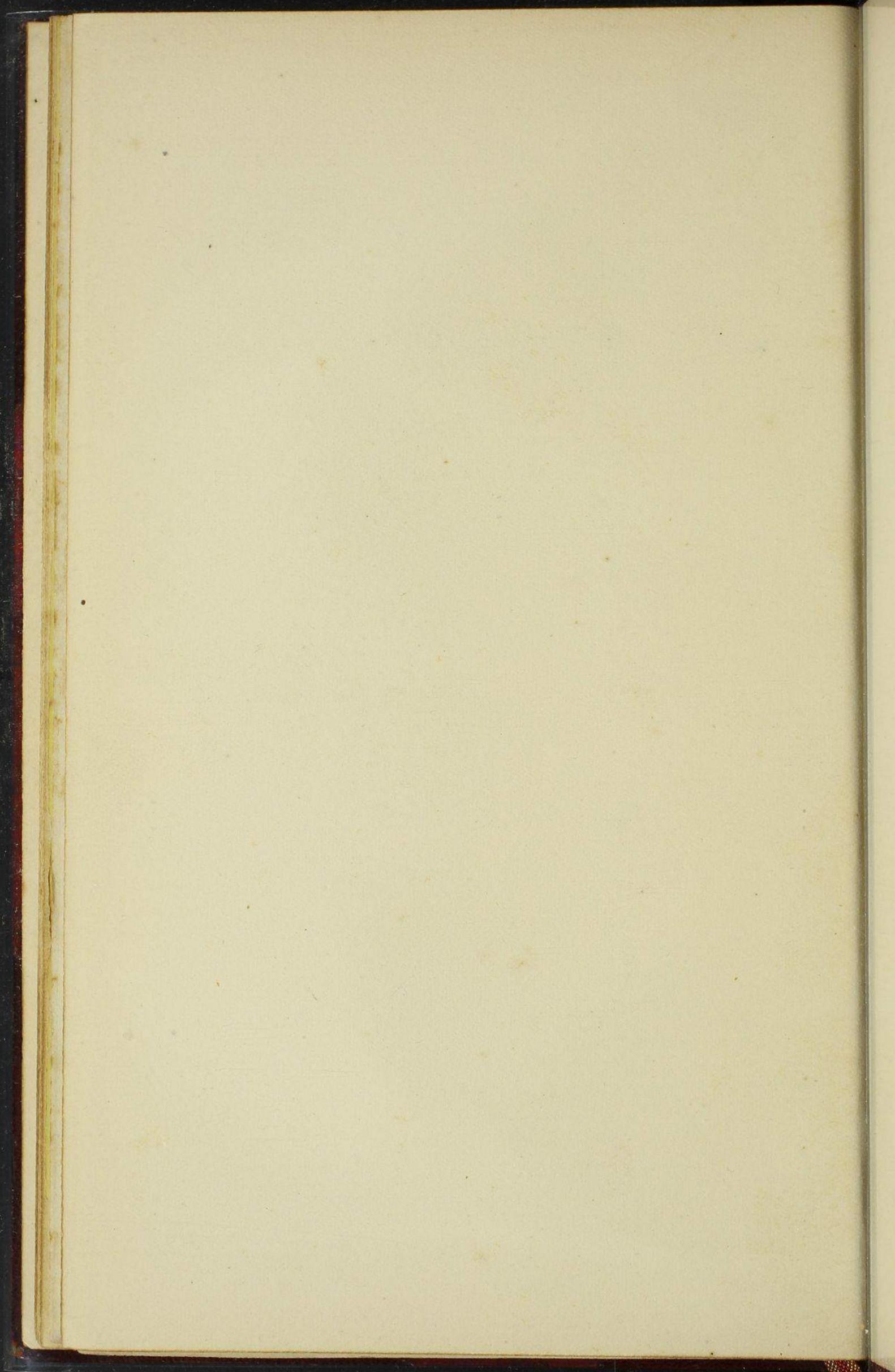
EXPLORAÇÃO E ESTUDO DO VALLE DO AMAZONAS, COM-
prehendendo:

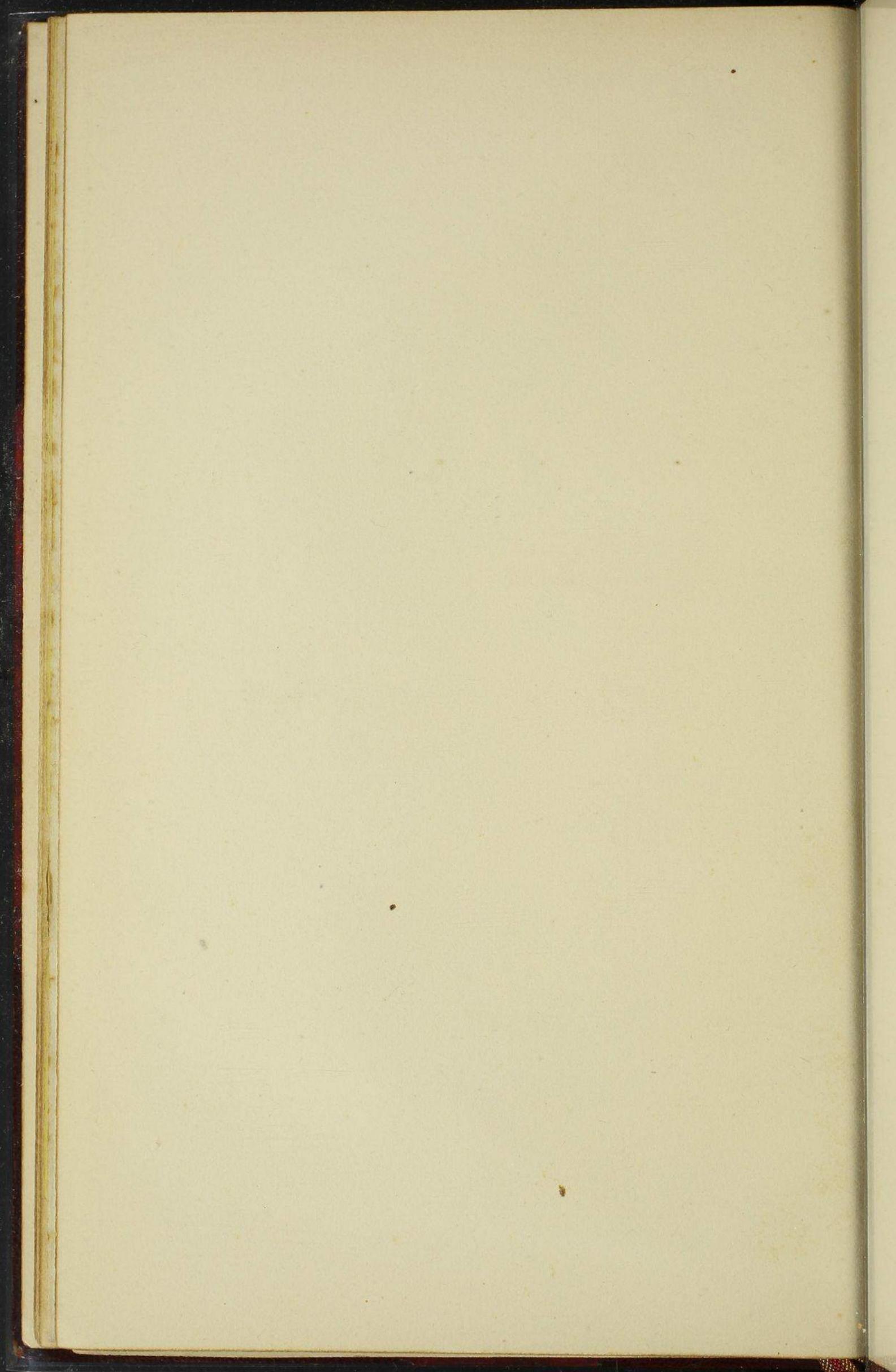
<i>Rio Capim</i>	1 vol.
<i>Rio Tapajós</i>	1 »
<i>Rio Trombetas</i>	1 »
<i>Rio Jamundá</i>	1 »
<i>Rios Urubú e Jatapú</i>	1 »

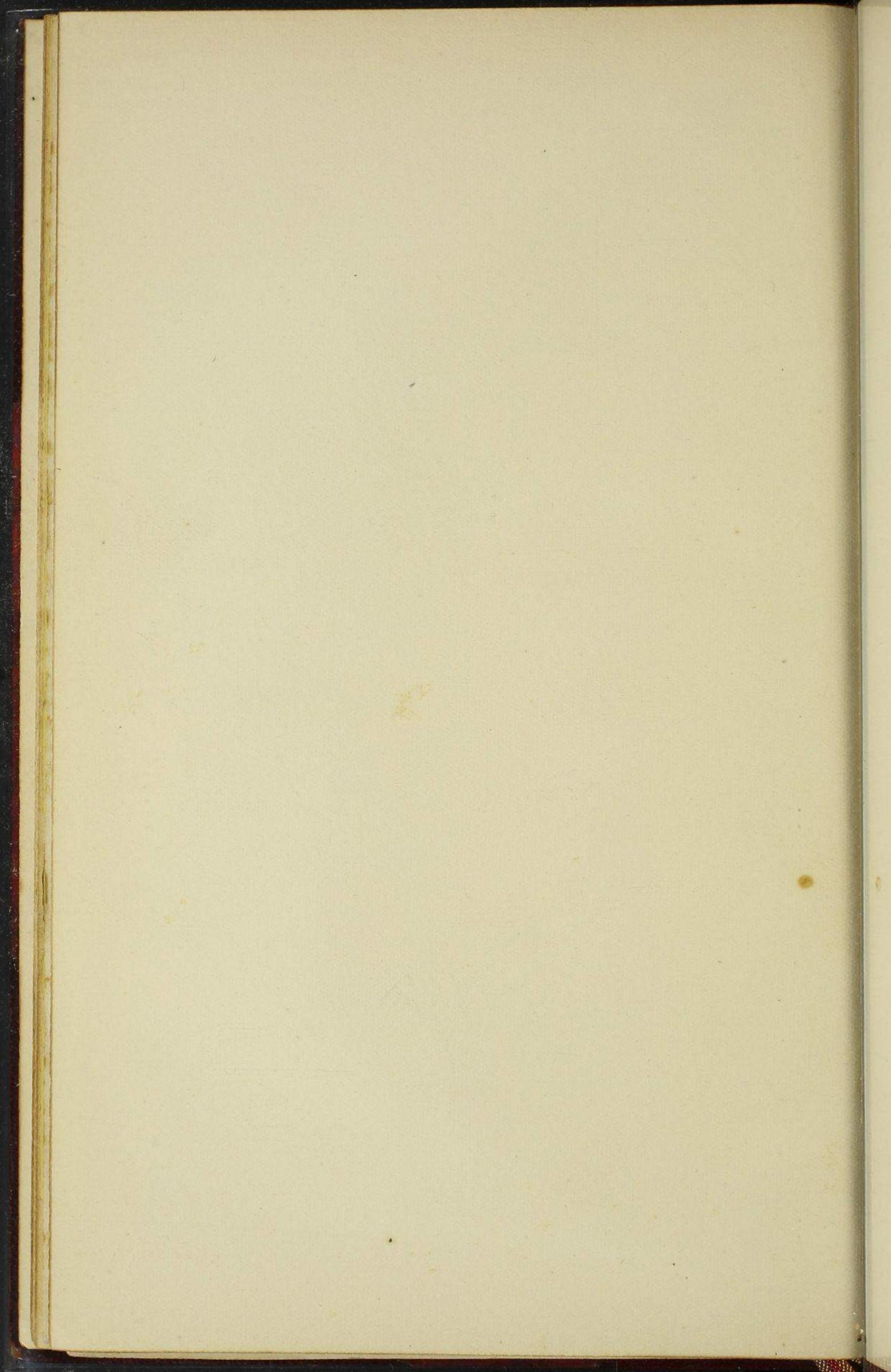
EM MANUSCRITO:

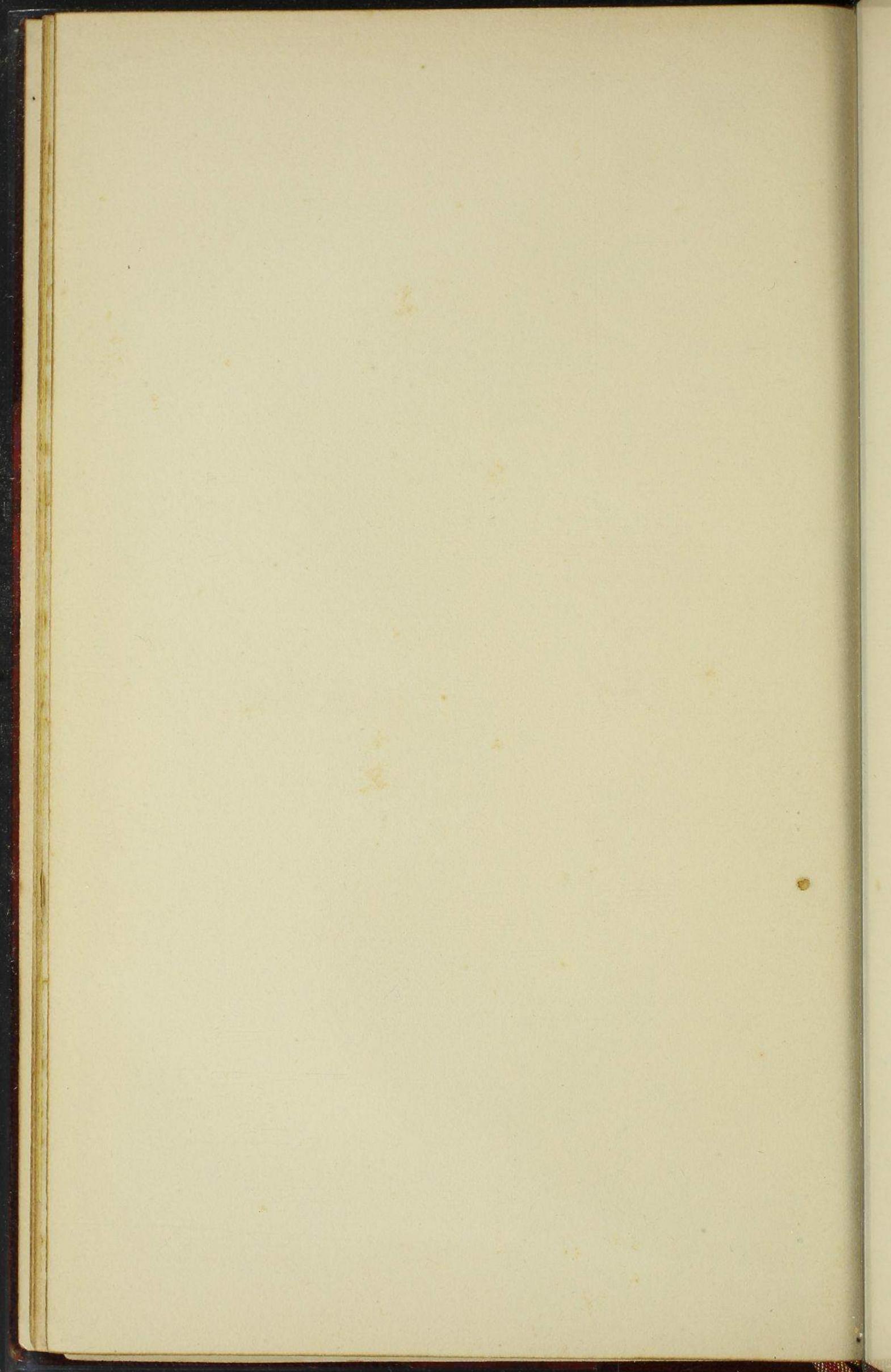
<i>Iconographie des Orchidées du Brésil</i>	1 vol.
<i>Sertum palmarum</i>	1 »

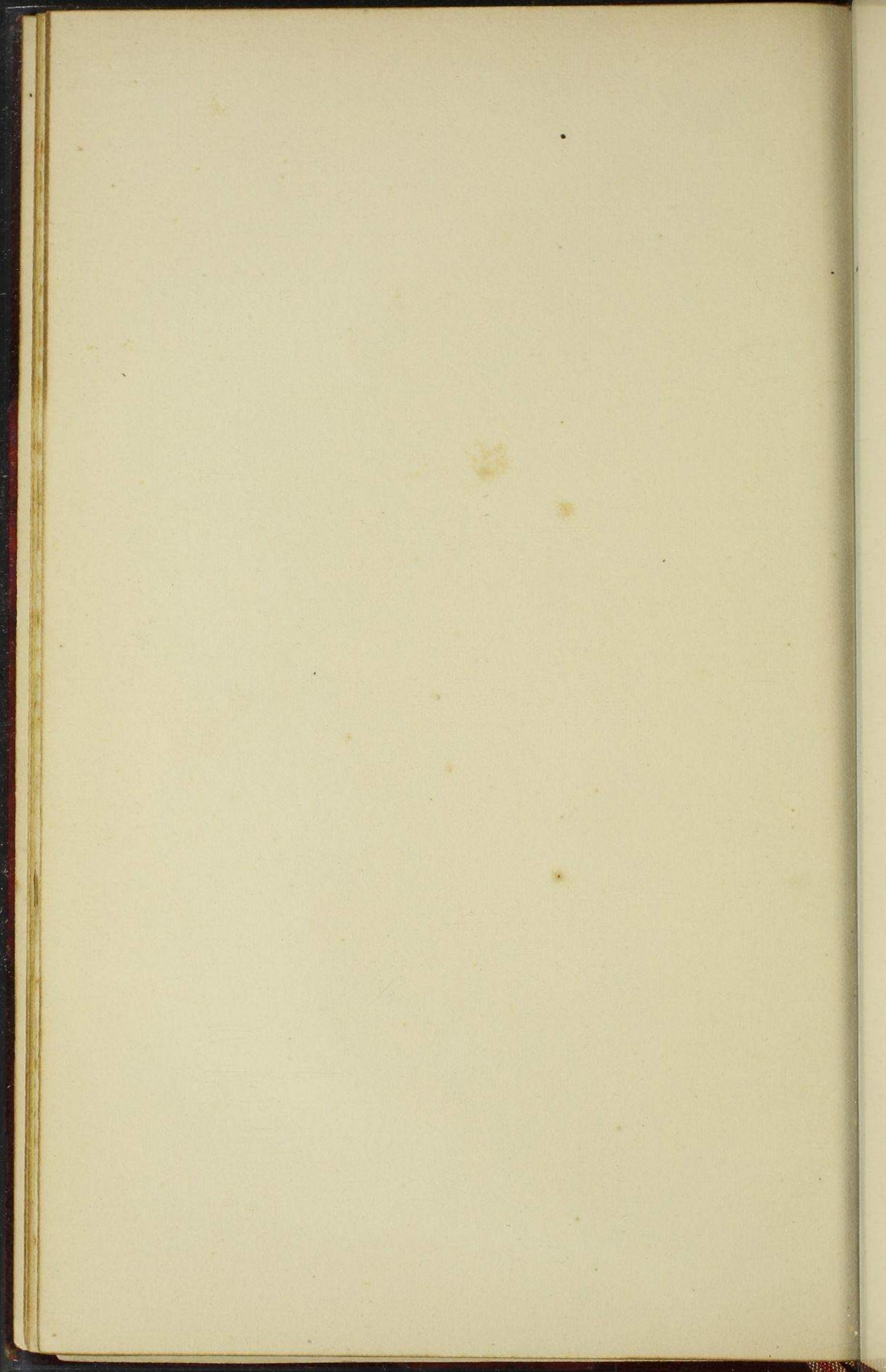
297











250

011625

JM

1625

